

CHRIS WEITZ

NOVA ERA

MUNDO NOVO 3

Tradução
ÁLVARO HATTNER

SÉQUINTE

O selo jovem da Companhia das Letras

Copyright © 2016 by Chris Weitz

O selo Seguinte pertence à Editora Schwarcz S.A.

Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.

TÍTULO ORIGINAL The Revival

CAPA kakofonia.com

PREPARAÇÃO Lígia Azevedo

REVISÃO Renato Potenza Rodrigues e Vivian Miwa Matsushita

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, sp, Brasil)

Weitz, Chris

Nova era : mundo novo 3 / Chris Weitz ; tradução Álvaro
Hattner. — 1ª ed. — São Paulo : Seguinte, 2016.

Título original: The Revival.

ISBN 978-85-5534-023-9

1. Literatura infantojuvenil t. Título.

16-07105

CDD-028.5

Índices para catálogo sistemático:

1. Literatura infantojuvenil 028.5

2. Literatura juvenil 028.5

[2016]

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA SCHWARCZ S.A.

Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32

04532-002 — São Paulo — SP

Telefone (11) 3707-3500

Fax (11) 3707-3501

www.seguinte.com.br

www.facebook.com/editoraseguinte

contato@seguinte.com.br

DONNA

O ZUMBIDO CONTÍNUO DO HELICÓPTERO e o jargão militar talvez me fizessem viajar, se meu coração não estivesse batendo muito mais alto. Tudo porque Nova York, a bela Nova York, a horrível Nova York, estende-se à nossa frente — Manhattan ligeiramente presa ao continente e a Long Island pelas pontes.

Em algum lugar entre aqueles desfiladeiros e becos está Jefferson. Pelo menos é o que espero.

É difícil ver os danos de cima. O helicóptero começa a descer, e a voz do coronel Wakefield surge nos meus fones de ouvido.

Wakefield: Não parece tão ruim. Não vejo nenhum problema na Zona A.

A Zona A é o Central Park.

Eu: Já disse que é melhor ir para Randall's Island. (Faço um esforço para lembrar o jargão correto.) Zona C. Não tem como saber o que está rolando no parque, quero dizer, na Zona A. Pode estar cheio de malucos com arco e flecha escondidos entre os arbustos. O negócio é sério lá embaixo.

Wakefield: Acho que podemos lidar com a situação.

Esse estilo inglês de diminuir a importância de tudo pode até ser engraçadinho, mas não me passa confiança. Entendo a posição dele — estou acompanhada por um bando de caras importantes. O nome Serviço Aéreo Especial pode sugerir que eles

são comissários de bordo excepcionais ou algo assim, mas na verdade são os assassinos mais eficientes das Forças Armadas britânicas, um grupo de caras simples, cheios de autoconfiança e maus modos. As pessoas gostam de pensar nos ingleses como sofisticados, com seus guarda-chuvas e chás e tudo o mais, mas imaginar alguém quebrando uma caneca de chope na sua cara provavelmente combina mais com o estilo da população inglesa. Os oficiais das Forças Armadas são ainda mais assustadores, porque parecem muito refinados, mas estão sempre prontos para entrar na briga.

Olho para o final da fileira de assentos e vejo os gurrkas. Caras baixinhos e sorridentes, com facas curvas enormes. São reconhecidos como os mais perigosos do grupo.

Meu olhar encontra o de Rab. Ele levanta três dedos, o que significa “canal três”. Não é o que os outros estão usando para se comunicar. Rab quer privacidade.

Eu o ignorei até agora. Mas todo o trabalho parece ter sido em vão.

Eu: O que foi?

Rab: Só quero que saiba que concordo com você.

Eu: Uau, como vivi até agora sem saber isso?

Rab: Já está no espírito de Nova York.

Não estou a fim de papo.

Eu: O que você quer? (Nem consigo dizer o nome dele.)

Rab: Você está pensando em Jefferson.

Fico irritada quando Rab toca no assunto. Talvez esteja um pouco envergonhada. Talvez ele só queira me atormentar, tipo, “Se Jefferson aparecer vou contar que a gente transou só para estragar tudo”.

Olho na direção de Rab, a armadilha sexual, o ombro musculoso amigo no qual chorei. O informante do governo. O espião. O mentiroso.

Rab: Sinto muito. Eles me forçaram.

Eu: Você não sente nem metade do que eu sinto. (*Eles me forçaram.* Essa é boa.)

Rab: Eu queria contar pra você. Ainda...

Volto para o canal um. Não tenho o menor interesse em remoer a coisa toda. Fico surpresa que o cara ainda tente se explicar. O que ele quer? Tenho mais alguma coisa que o interessa? Ou realmente quer consertar as coisas, tipo, “voltar comigo”? Desvio o olhar com certo esforço, porque ele é muito bonito. Mas acabou mesmo.

Pobre Donna, enganada por um garoto, completamente sozinha em um helicóptero cheio de marmanjos. Trabalhando para o Opressor.

Minha cabeça lembra de toda a história da corrida nuclear. De um lado a outro, os caras no comando desse negócio, sem falar no Comitê de Reconstrução, são... bom... caras.

Eu costumava pensar que era feminista. Pra mim tudo era *girl power* e tal. Achava que não levar desaforo para casa já contava como, tipo, minha contribuição para a sociedade. Mas, quando penso nas minhas ações lá atrás, percebo que na maior parte do tempo eu só estava seguindo a correnteza. Pensei que estava sendo incrível e emancipada, mas só era uma resistência simbólica.

Observo ao meu redor: o helicóptero cheio de narizes quebrados e dedos inchados. *Talvez homens e mulheres sejam mesmo diferentes, mas precisam uns dos outros para sobreviver.* Quero dizer, e se tudo estivesse indo muito bem lá atrás, na sopa primordial, antes da reprodução sexuada, até que um cromossomo Y se infiltrou e fez metade da população ser bruta e devassa?

Como igualar o placar? Como ser uma verdadeira feminista no pós-apocalipse?

O helicóptero faz uma curva abrupta para a direita, na direção do Central Park, e o soldado ao meu lado cai em cima de mim, praticamente me esmagando.

— Desculpe — ele diz, tirando uma casquinha enquanto desliza para o lugar dele.

Nos últimos anos, o esquema tem sido este: um monte de caras com pintos e armas fazendo o que quer.

Na Washington Square, onde ficava nossa tribo, a coisa teoricamente era mais justa. Nada como o fim da civilização para revolucionar uma sociedade! Mas era um cara que mandava por lá. Eu amava o lugar tanto quanto todo mundo. Ainda assim... Às vezes acho que uma garota poderia ter administrado melhor, sabe?

O helicóptero paira no ar, levantando poeira e detritos do chão. Os oficiais dão uma última verificada nos equipamentos, toda aquela tralha de facas pretas, mosquetões, cordas de náilon e armas automáticas.

Talvez seja assim que funcione. Talvez o caminho para a igualdade não esteja cheio de boas intenções nem possa ser traçado sobre bases legais e de mudança social gradual. Talvez só seja conquistado na base da briga.

Nosso helicóptero pousa da maneira mais tranquila possível, e os rotores fazem a grama seca e alta ondular. Dez homens saltam do helicóptero, e mais dez de um outro, além de mim, meu guarda-costas gigantesco e o canalha mentiroso com quem me envolvi. Um terceiro helicóptero enorme, com dois rotores, expelle sua carga como um cocô comprido e então volta para o leste, onde o porta-aviões o espera, em Long Island Sound.

A lua é apenas um semicírculo de luz, o que faz o mundo parecer cinza-escuro. Os blocos de granito e o contorno das árvores dão lugar aos retângulos corpulentos dos prédios residenciais que assomam sobre os muros do parque à distância.

Eu sei quem vive ali.

O pessoal da Uptown.

O barulho do helicóptero nos entregou. Àquela altura, todo mundo acima da rua 59 provavelmente já nos viu e percebeu que, ao contrário do que pensavam, o resto do mundo não está vivendo um caos pós-apocalíptico do cacete como eles. Não consigo imaginar que estejam lidando com tudo isso com tranquilidade. É

como se acordassem de um pesadelo com um safanão e abrissem os olhos para um mundo de possibilidades infinitas.

A área do Sheep Meadow está ainda mais detonada do que da última vez que estive aqui. Mato queimado pelo inverno por toda parte, a paisagem equivale a um viciado em drogas que não toma banho há um mês.

Bons tempos aqueles! Jefferson e eu jovens, infectados e ainda vivos, rumando para o norte, sendo atacados pelos caras da Uptown e por ursos. Nosso objetivo era salvar o mundo, ou pelo menos a nós mesmos, encontrando a Cura. E a gente conseguiu, mas tivemos duas baixas.

Minifu. Kath.

Wakefield: Até aqui tudo bem.

Isso quer dizer que estou errada e ele está certo, e a tempestade de merda de proporções semelhantes ao furacão Katrina não aconteceu. O parque parece tranquilo.

Wakefield: Vamos seguir pelo leste até o prédio da ONU e, com sorte, a bola de futebol.

Ele está falando dos códigos de lançamento e do aparelho de ativação do arsenal nuclear estratégico dos Estados Unidos. Coisa grande.

É em busca disso que estamos: uma maleta grande de couro preto, muito feia e brega, parecida com a que um professor substituto usaria, com uma alça para usar transpassada. Ou melhor, para um oficial das Forças Armadas usar transpassada. Ele devia permanecer ao lado do presidente, caso alguém estivesse a fim de iniciar uma guerra termonuclear global. Então o presidente teria sua autorização de lançamento à mão para enviar para o CentCom usando o número de um telefone especial via satélite — o biscoito. Seria o fim do mundo, ou a coisa mais próxima disso.

Wakefield: Acho que conseguimos repelir qualquer ataque esporádico por enquanto.

Eu: Coronel, todo mundo nesta ilha vai querer saber quem é o

senhor, como conseguiu permanecer vivo durante tanto tempo e se tem uma cura para a Doença. Isso significa *milhares* de pessoas desesperadas e armadas.

Wakefield: Crianças.

Eu: Que, diferentes de você, sobreviveram aqui sozinhas por anos.

Ele lança um olhar cético para mim, como se estivesse fazendo uma anotação mental em seu caderninho mental que provavelmente é de um preto mental. Eu me pergunto quantas gerações de militares ignoraram os conselhos de seus guias nativos — mais ou menos o que eu sou — e quantos morreram por causa disso.

Wakefield: Não estou preocupado com isso.

Percebo que ele não se importa porque acha que não tem nada a ver com a missão de recuperar a bola de futebol.

Guja: Está tudo bem, srta. Donna?

Guja é um homem pequeno — mais baixo que eu, que tenho pouco mais de um metro e meio — com um sorriso largo e fácil. Essa descrição faz com que pareça menos temível do que realmente é. Guja é um gorkha, membro da brigada de soldados nepaleses que tem servido o Exército britânico há mais de duzentos anos.

A história é a seguinte: os ingleses, que naquele século em especial vagavam pelo mundo tentando subjugar qualquer pessoa de pele escura que aparecesse pelo caminho, encontraram um belo obstáculo nessa tribo. Os gorkhas não tinham lido o e-mail que dizia para tremarem de medo diante do terrível espetáculo da tecnologia e disciplina vitorianas. Reagiram, tipo, “Então parte pra cima, mano”. Os ingleses ficaram tão impressionados que contrataram todos eles.

Guja e os outros gorkhas estão cortando o mato do Central Park com suas kukris, que são umas facas longas e curvas parecidas com bumerangues afiados de metal. Ele fez uma pausa no trabalho para me dirigir a pergunta.

Gosto de Guja, mas também sei por que ele e seus companhei-

ros são metade da equipe. Porque obedecem a ordens, matam sem questionar e não estão nem aí para adolescentes nova-iorquinos, que, sendo justa, provavelmente também não estão nem aí para membros de uma tribo nepalesa.

Eu: Estou.

Só que não. Esse lance de estar bem definitivamente já era. Afundei na merda. Depois de um curto intervalo em Cambridge, onde, por um tempo, eu me convenci de que era uma sobrevivente qualquer da diáspora norte-americana, as coisas voltaram a ficar péssimas, tanto quanto poderiam.

Lanço um olhar para Rab. Ele está passando a mão no cabelo, como um modelo de revista, descarregando caixas do helicóptero e tentando se misturar com os gurkhas e os oficiais ingleses. Quase sinto pena dele, um garoto bonito no meio de todos aqueles militares durões.

Quando o conheci em Cambridge, eu achava que Rab fazia parte da Resistência estudantil, que protestava contra as restrições sociais que o governo e o Comitê de Reconstrução norte-americano tinham imposto ao povo. Restrições de expressão, ideologia, movimentação. Por trás de uma fachada de vida normal, eles observavam e ouviam tudo o tempo todo. Você carregava informantes dentro do bolso — cada celular era um espião.

E eu? Eu era apenas uma laranja de quem queriam espremer informações. Isso porque eu estava na ONU no dia em que o presidente morreu. Então acharam que eu tinha informações sobre a bola de futebol.

De qualquer forma, Rab não era da Resistência no final das contas. Ele estava trabalhando para o governo.

Rab sorri para mim, dando de ombros, tipo “Quem estou tentando enganar?”, então se aproxima dos equipamentos. Seu rosto mostra determinação, tipo “Alguém tem que fazer isso, né?”.

Rab: Nunca pensei que viria parar aqui. E você? Pensou aquela noite lá no bar?

A cena: no bar universitário, uma garota solitária longe de casa com uma Budweiser na mão. Então entra Rab, um gatinho bronzeado, cabelo preto, olhos verdes... o pacote completo. Começa uma amizade com cara de algo mais. Ele corta o laço que une a garota a seus amigos, dizendo que eles estão mortos. Ela cai nos braços mais que prontos dele e conta tudo o que sabe sobre a Nova York pós-Doença. O governo consegue o que quer.

Rab ainda está esperando uma resposta.

Eu: Não, acho que nunca pensei que voltaria para Nova York.

Esperava permanecer em Cambridge. De alguma maneira, *sabia* que Rab era bom demais para ser verdade. Eu estava arrasada, em queda livre, procurando um lugar macio onde aterrissar. Alguém que me ouvisse. Diversão. Um pouco de felicidade. Podem me julgar.

A mão dele vem na direção da minha. Rola um indício de emoção, por causa de alguns neurônios emos desinformados. Eu me afasto e viro para o outro lado.

Jefferson está em algum lugar por aí. Espero.

Eu: Para com isso.

Rab: Donna, este é o lado certo. O nosso. (Não tenho certeza se com isso quer dizer eu e ele ou ele e os ingleses.)

Eu: Viu só? Esse é o seu problema. No momento em que penso que está sendo sincero, você volta com a politicagem.

Rab: Só quero garantir sua segurança. Se Jefferson estiver vivo... (Ele é pego de surpresa pela minha expressão de desprezo.) E, por você, espero que esteja. Se Jefferson estiver vivo, então deve estar acompanhado de pessoas bastante irresponsáveis e perigosas.

Ele quer dizer a Resistência. Especificamente Chapel.

Eu: Uau! Você é mesmo um servo leal e dedicado. Ou foi Welsh que mandou você dizer isso?

Rab: Você acha que a Resistência quer salvar todo mundo. Foi por isso que usaram você. Mas eles não se importam com a dis-

tribuição da Cura. Tudo o que querem são as armas nucleares. E, se as conseguirem, vão mandar o mundo de volta para a Idade da Pedra.

Eu: Bobagem.

Só que talvez ele esteja certo. Chapel apareceu todo cheio de idealismo e autossacrifício, como se quisesse salvar todos nós, seu bando de putinhos pós-apocalípticos. Caso contrário, não o teríamos ajudado. Mas alguma coisa nessa história toda — incluindo eu ser usada pelo governo — me faz pensar que ninguém é inocente nesse jogo.

Exceto por Jefferson. Sei que ele ia se apegar a seus princípios. Não faria concessões.

O equipamento já foi descarregado, mas ainda estamos na área de pouso. Quero ir embora. Quero encontrar Jefferson. Mas alguma coisa está nos atrasando. Um general anda de um lado para o outro, fazendo caretas para os soldados — o que, para mim, indica problemas. Ouço vozes gritando.

Cansei dessa história. Ando até o helicóptero principal.

A capota está aberta, e um recruta observa e mexe no motor, com uma pequena lanterna (que eles chamam de “tocha”, o que é bonitinho, tipo *Minecraft*) entre os dentes, como se fosse um charuto, deixando as mãos livres. Ele percebe que estou olhando e contorce o rosto para sorrir sem derrubar a lanterna. A luz me cega por um momento.

Recruta: Tudo bem, moça? (Ou melhor: *Uu em, ossa?*)

Os recrutas parecem educados e respeitosos, apesar de seu estilo de vida. Eles são mandados para diversos lugares no exterior para derrubar portas com chutes, esfaquear pessoas e explodir a cabeça de insurgentes, em seguida são presos de volta na coleira e correm por uma pista com obstáculos para descansar. São completamente controlados, como aqueles cachorros que equilibram um pedaço de carne no focinho até alguém dizer que podem comer. Ainda assim, não conseguem deixar de me observar com malícia, o

que me surpreende, porque estou usando um macacão verde bem grande. Acho que eles não veem garotas com frequência.

Aceno de leve e dou um “oi”. Apesar de ter visto mais morte e destruição do que a maioria dos agentes mais durões, prefiro que acreditem que sou uma magrela indefesa. Isso diminui a desconfiança deles e me permite entrar de novo no helicóptero sem ser notada.

A cabine está escura, iluminada apenas por lampadinhas amarelas dispostas aqui e ali. Levo um tempo apara encontrar o que estou procurando — até porque tenho que ser o mais silenciosa possível.

Por fim encontro dentro de uma caixa um objeto de plástico laranja que parece um revólver de brinquedo de um desenho animado. Pego outros iguais e os guardo no bolso do macacão.

Eles não me deram uma arma, provavelmente porque acham que não sei usar uma. Ou porque pensam que, se soubesse usar, eu a usaria contra eles. Ninguém tem sido muito sincero desde a zona que aprontei no deque de pouso do *Ronald Reagan*, ajudando os outros a fugir.

Mas não é para isso que quero a pistola sinalizadora. Eu saio do helicóptero, levanto uma acima da cabeça e disparo. Quando a faixa de luz rosada começa a subir, o mato alto ao nosso redor é iluminado. Tudo vira uma espécie de diorama, uma fotografia noturna, uma rave, e vejo expressões confusas por toda parte.

Gritos e palavrões.

Wakefield: Solte isso. *Agora*.

Ele faz um sinal para um dos gurkhas, que corre na minha direção.

Estou com o segundo sinalizador na mão esquerda e posiciono rapidamente o dedo no gatilho. Ainda sinto o calor do primeiro disparo.

Miro na lua e disparo. *FUIM*. O segundo sinalizador sobe, traçando mais uma linha no céu. As duas trilhas residuais de fumaça formando um V cuja base é nossa localização.

O gorkha me derruba e fico sem fôlego. Vejo a lâmina curva da kukri brilhar à luz do segundo sinalizador.

Wakefield: Pare!

A faca congela no ar, suspensa como uma segunda lua. Guja aparece atrás do cara que está me atacando e lhe dá uma ordem em nepalês. O homem fica em pé e me ergue pelo colarinho.

Guja me encara. O sorriso desapareceu, como se nunca tivesse estado ali.

Guja: Por que, senhorita? Por quê?

Desconfio que ele era o responsável por mim e agora o coloquei em apuros.

Eu: Foi mal, cara.

Mesmo se Guja realmente esperasse uma resposta, o que eu diria? Que tive uma intuição de que, em algum lugar lá fora, Jefferson veria aquilo? Que de alguma forma saberia que era eu? Que viria me buscar e ficaríamos juntos novamente?

JEFFERSON

ATRAVÉS DA JANELA CONGELADA, vejo as luzes dos sinalizadores se apagarem, mas a esperança permanece. Um V de aparência fantasmagórica se formou sobre o parque, apontando o caminho.

Estamos no consultório dentista na Midtown. Fica no que seria o décimo terceiro andar de um prédio, mas que é chamado de décimo quarto por um costume antigo, ironicamente para evitar o azar. Peter está sentado no chão, remoendo sua desilusão amorosa. Os gêmeos folheiam cópias antigas da revista *Highlights*, procurando as histórias em quadrinhos de Goofus e Gallant. Kath está sentada ao lado de Crânio, deitado em um sofá.

— Vamos — eu digo.

— E se for alguém que não veio nos ajudar? — diz Kath, os lábios torcidos em desconfiança.

— O que temos a perder? — pergunto.

— Tudo — diz Kath. — Metade da cidade quer matar você.

— Graças a você e Theo — eu digo. Não há sinal dele, um dos membros da tribo do Harlem que estava no laboratório conosco, e depois no porta-aviões, e depois no helicóptero voltando para casa. Desde que Theo e Kath expuseram minhas mentiras na ONU, perdemos contato.

— Não culpe Theo. Ele tinha uma implicância justificada com você. E não *me* culpe. Eu não *forcei* você a mentir para todo mundo — diz Kath. — Não forcei você a esconder a verdade.

— Se eles soubessem que — procuro a palavra certa e escolho a melhor possível — a civilização sobreviveu, teria havido um massacre. Todo mundo estaria correndo para sair daqui.

— Isso foi o que Chapel disse, certo? O cara que roubou a Maleta Mais Importante do Mundo?

Ela lança um olhar para Peter, que está com a expressão típica de quem ouve o nome de alguém que acabou de lhe dar um fora.

— Desculpa — diz Kath.

— Mesmo tendo mentido em relação a todas as outras coisas, ele estava certo a respeito de uma. Você não ouviu os tiros? Os gritos? As explosões lá fora? É a anarquia.

Kath dá de ombros.

— Certo. E é por isso que devemos ficar aqui. A piração está rolando solta. Você lembra o que aquele perdido disse? A galera está indo em massa para o Battery Park.

— Tem um barco enorme que vai levar todo mundo — diz alegremente Anna, a gêmea.

— Não tem barco nenhum — digo. — Quero dizer, tem, mas não está vindo nos buscar. É um porta-aviões nuclear. Podem muito bem detonar a gente com bombas. Não confio no Comitê de Reconstrução.

— Mas confia em seja lá quem disparou os sinalizadores? Não faz sentido.

Não conto para ela, mas lá no fundo tenho uma esperança, que está se tornando uma convicção, de que foi Donna. Não tenho o menor motivo para isso. É só uma intuição.

— Então fica aqui. Vou descobrir quem foi.

Jogo a mochila sobre as costas.

Kath me encara incrédula com a minha indiferença. E de fato é muito difícil parecer desinteressado nela, mesmo tendo ferrado completamente minha vida. Kath é linda, claro, além de muito madura. Mas não é só isso. Ela tem uma espécie de magnetismo, como quando você está na beirada de um abismo e não consegue deixar de olhar para

baixo. Uma parte de mim sempre quis pular. Tânatos... é assim que os antigos chamavam o desejo de morte.

— Alguma chance de você me agradecer por ter salvo sua vida? — Kath pergunta com um sorriso.

Isso é teoricamente verdade. Tive sorte de escapar ileso quando todo mundo ficou sabendo da Cura. Kath e os gêmeos me tiraram pela porta dos fundos do prédio da ONU, além de Crânio e Peter.

— Você me matou — repliquei. — Você incitou os linchadores que estão atrás de mim.

Agora nós nos escondemos durante o dia e nos movimentamos à noite, evitando os camponeses com forcados e tochas.

— Para de ser tão dramático. Eles teriam descoberto que você estava mentindo logo.

— Eu só precisava de um pouco de tempo. Queria algo melhor. Para todo mundo.

— É, eu sei. — Kath dá um sorriso afetado. — Você é uma graça. Aposto que esse grande encontro que organizou te deu uma tremenda *ereção por retidão*, ou algo do tipo. Deve ter sido como simular uma reunião da ONU na escola. Você até redigiu uma constituição.

Eu queria estabelecer algum tipo de estrutura antes que o pessoal de fora chegasse. Segundo Chapel, eles estavam apenas esperando que morrêssemos. Pareceu que a melhor opção era nos unirmos. Afinal, tínhamos a Cura. Poderíamos começar de novo. E poderíamos nos organizar para nos defender contra qualquer um que chegasse assim que o resto do mundo percebesse que ficaríamos ali por um longo tempo.

— Mas advinha o que aconteceu! — continua Kath. — Assim que puderam escolher, assim que ficaram sabendo dos *fatos*, as pessoas não quiseram fazer parte da sua utopia. Elas preferiram Wi-Fi.

— Se você acha que sou tão ingênuo, o que está fazendo aqui?

Ainda não consigo entender. Kath tinha motivos para se vingar. Afinal, terminei com ela. Se é que se pode usar um termo tão banal em um mundo que envolve praga e canibalismo. E eu a abandonei quando pensei que estivesse morta.

É claro que eu não sabia que ela não estava. Não que Kath não jogasse isso na minha cara.

Mas, ao ficar com a gente, ela se pôs em perigo também.

Agora Kath parece confusa de verdade. Ou como se estivesse escondendo alguma coisa. Por fim, ela dá de ombros.

— Não tenho nada melhor para fazer. Mas isso não significa que quero sair por aí, pedindo para levar um tiro.

— Se alguém atirar, vão ser os idiotas da sua tribo — diz Peter, lembrando a Kath de suas raízes na Uptown.

— É, os cretinos da minha *antiga* tribo. Eles não gostam de mim por lá. — Ela levanta as sobrancelhas (bem cuidadas, mesmo naquelas circunstâncias) para enfatizar. — Escuta, não estou mais pensando só em mim. Tenho duas crianças.

Ela está falando de Anna e Abel, os gêmeos loiríssimos e de olhos azuis que trouxe do laboratório de Long Island. Longilíneos, agitados e psicóticos, eles seguiam as instruções do Velho ao pé da letra antes de eu matá-lo, e agora fazem o mesmo com Kath. Não sei dizer se ela realmente se preocupa com os dois ou se sua disposição para protegê-los é algum tipo de jogo. Talvez nem Kath saiba.

— Vou na direção daqueles sinalizadores — digo. — Aposto que são os adultos. Sejam os militares ou seja a Resistência, é nossa melhor chance de ajudar Crânio. Se não conseguirmos cuidados médicos logo, ele...

Não termino a frase. Não quero que ele ouça, se estiver consciente.

O abdômen de Crânio parou de sangrar. Tem um buraco onde Chapel atirou nele, uns seis centímetros à esquerda do umbigo, cercado por uma pele tão pálida quanto a de um peixe. Não tem ferimento de saída da bala, o que não pode ser bom. Talvez ela tenha ricocheteado dentro dele ou expandido enquanto atravessava suas entranhas. Elas eram projetadas para fazer isso. A respiração de Crânio está ofegante; o pulso, irregular. Ele sua sem parar.

Donna saberia o que fazer. Ela era a médica da tribo, porque praticamente cresceu dentro do pronto-socorro onde a mãe trabalhava

como enfermeira. Donna conseguiria se virar com o estoque do consultório do dentista. Já passaram dois dias e minhas ideias brilhantes acabaram. Encontramos analgésicos vencidos e injetamos nele. Fora isso, não sei o que fazer, sigo em inércia, sem nenhuma energia para mudar o rumo das coisas. Pelo menos até avistar os sinalizadores.

— Jefferson está certo. Precisamos fazer alguma coisa. Eu ajudo — diz Peter. Ele se sacode, como se quisesse se livrar de qualquer resquício de mágoa pela traição de Chapel, balançando a cabeça de um lado para o outro como se assim pudesse se livrar dos pensamentos.

Kath se levanta também.

— Tudo bem — ela diz. — Sempre odiei dentistas mesmo. Vamos lá, vocês dois.

Ela cutuca as costelas dos gêmeos, que levantam, esfregando os olhos.

— O que foi, mamãe? — Anna pergunta. Embora tenha uns catorze anos, ela age como se fosse uma criancinha. Sua constituição física malnutrida torna tudo ainda mais estranho.

— Não sou sua mamãe — diz Kath, como sempre. — Vamos ao parque.

— Eba! — Abel exclama.

Verificamos as armas. Kath tem uma pistola Mauser com quinze balas. Peter e eu ainda temos nossos AR-15, com alguns pentes de munição sobrando. Os gêmeos só têm um pé de cabra e um taco de beisebol. Não é muita coisa, mas é o que temos.

Lá embaixo, a rua está abandonada, mas podemos ouvir alguma atividade ali por perto — o coro da alvorada de tiros e gritos. Saímos do prédio. Sai fumaça quando respiro e flocos de neve começam a cair, parecendo uma quintessência do ar, como se estivesse supersaturado de gelo.

O inverno vai ser rigoroso. No ano passado queimamos tudo o que pudemos e ainda assim pessoas morreram de frio, que chegou apagando fogueiras e vidas enquanto dormíamos.

Andamos depressa, usando um lençol para carregar Crânio e algumas de nossas tralhas. Ele está segurando o biscoito, o gatilho nuclear,

sobre o peito. Murmura alguma coisa várias vezes. Soa como “crisântemo”. Mas não faz sentido. Talvez seja algum tipo de fórmula química.

Temos que nos mover rápido, enquanto está escuro. A cada segundo tudo fica um pouco mais claro e nós, um pouco mais expostos. Deslizamos sobre a película branca que começa a cobrir o chão.

O caminho mais rápido até o parque é passando pelo território da tribo da Uptown, uma diagonal em zigue-zague até a rua 59 e a Quinta Avenida. Mais ou menos dois quilômetros bem perigosos até o local onde foram disparados os sinalizadores.

— Acho que você não vai querer ir pelo metrô, né? — Peter pergunta, olhando com atenção para os prédios vizinhos, porque em qualquer um deles pode haver um atirador de vigia. Ele está com a arma pronta, mas não tem como cobrir todos os ângulos.

Nem respondo. O metrô traz lembranças muito ruins: uma fuga apressada através da escuridão absoluta, perdas e massacre. Prefiro morrer à luz do dia.

Percorremos cambaleantes a Terceira Avenida, passando pelo que sobrou dos bancos, as fachadas de vidro quebradas há muito tempo, os caixas eletrônicos completamente esvaziados quando dinheiro ainda significava alguma coisa. Restaurantes de redes famosas vazios, lojas saqueadas, cubos irregulares de vidro estilhaçado fazendo um som crocante sob nossos pés. Carros sem combustível, retirado com mangueira. Uma paisagem urbana despida de tudo o que pudesse ser útil.

Evitamos as pistas largas da rua 59 e rumamos para oeste na Sexta Avenida, o santuário do anacronismo: há um salão de beleza, uma loja de tapetes, um alfaiate. Dali, é uma corrida rápida pela Park Avenue. Crânio geme a cada passo que damos. Na esquina há um prédio baixo de tijolinhos. Uma faixa esfarrapada diz que ali era a Christ Church Day School.

Percebo que Kath parou. Ela está olhando para a faixa.

— O que foi?

— Eu estudava aqui — ela responde. — A gente brincava lá no telhado. Está vendo a grade lá no alto?

Para evitar que bolas e crianças caíssem na rua.

— Não sabia que sua família era religiosa — digo.

— Não era — ela diz. — Mas era rica. Essa escola era assim. Não dizia respeito a Deus, mas a dinheiro — ela continua, estranhamente filosófica. — Se seus pais pagassem, você receberia o tipo de educação que te levaria ao degrau seguinte. Chapin, Nightingale, Brearley, Buckley, Collegiate. Então, talvez conseguisse entrar nas melhores universidades do país. E arrumar um emprego em uma empresa grande. Ou num lugar como o Met, onde conheceria as pessoas certas. Você sempre teria assunto para os coquetéis. Então poderia se casar com alguém muito importante, ou muito lindo, ou muito rico, e o ciclo continuaria. Um mundo sem fim. Amém.

Kath diz isso sem qualquer exaltação, sem acidez, com a voz neutra.

— Ainda bem que tudo isso acabou — ela diz. — Vamos sair daqui. — Assim que voltamos a andar, passamos por uma lojinha e ela diz: — As babás esperavam a gente aqui. Tipo, o terceiro mundo esperando pelo primeiro. Se você não soubesse qual era o esquema, podia pensar que eram as mães vindo buscar os filhos. Como se houvesse muitos casamentos inter-raciais aqui no Upper East Side. Rá! Meus pais sempre gostaram de estar à frente, então nossa babá era suíça. Não queriam uma latina. Tínhamos que chamar a mulher de *mademoiselle*, mas ela não combinava nada com isso. Era grandalhona, forte e severa, então para nós era Madame Músculos.

Tento tirá-la daquele devaneio.

— Ela tratava vocês mal?

Kath balança a cabeça.

— Ela era legal. Tratava a gente bem. Acho que meus pais não gostavam disso. Fazia com que se sentissem inúteis. O que eram, de fato. Então Madame Músculos descobriu um caroço no seio. E meus pais a mandaram embora. Talvez tenha sido pouco antes. Não lembro. De qualquer forma, nunca mais tivemos notícias dela. Ou melhor, ela nunca mais teve notícias nossas. Pedimos para vê-la, mas eles não nos

levaram ao hospital. — Kath ergue os olhos e nota minha expressão. Ela não quer minha compaixão. — Afe, chega de drama. Ali. Estamos chegando.

Ela está olhando para a frente. Podemos ver as árvores do parque aparecendo sobre os muros. Uma corrida e estaríamos lá, mas não conseguimos ir tão depressa carregando o Crânio.

A tribo da Uptown está acordando. O primeiro sinal de que fomos avistados é uma bexiga cheia de água que explode na nossa frente. Olhamos para cima e vemos um garoto mostrando o dedo do meio. Um cheiro muito ruim vem de onde a bexiga estourou.

Então Peter é atingido no ombro por outra, que molha sua cabeça. Ele leva as mãos aos olhos e grita de dor enquanto procuro evitar os respingos.

— Gás lacrimogêneo — ele diz antes que Kath e eu o arrastemos em direção ao prédio, para debaixo do enorme beiral. É um edifício antigo, construído com cuidado. Janelas corrediças altas, arenito e arabescos em ferro. Mais bexigas atingem a calçada.

Nos amontoamos ao lado de uma placa de bronze que diz THE METROPOLITAN CLUB: 1891.

— Ai, merda! — Kath exclama.

— O quê?

— Esqueci. Este lugar... Devíamos ter ido por outro caminho.

— Por quê?

— Isto aqui era um clube fechado. Tipo, com uns velhotes dando tapinhas nas costas uns dos outros e bebendo. Agora é basicamente um quartel.

Assim que ela diz isso, ouço uma barulheira. Vejo através dos portões altos de ferro que o pessoal da Uptown começa a sair como um enxame, carregando armas, bastões, espadas e facas, se espalhando como veneno.

Encaixo o cano da minha arma entre as barras do portão e puxo o gatilho, derrubando os da frente no chão, segurando temporariamente o fluxo.

— Temos que sair daqui enquanto temos uma chance — diz Kath.
— Vamos ter que deixar ele aqui.

Ela está se referindo a Crânio, que, felizmente, está inconsciente e não pode ouvir.

— Nem fodendo — diz Peter.

— Ele vem com a gente — concordo.

— *Tá bom* — diz Kath, pegando uma das pontas do lençol e saindo apressada.

Andamos com dificuldade em direção ao parque enquanto o pessoal da Uptown sai em nosso encalço. Antes que possamos sequer atravessar a Quinta Avenida, vejo o cano de uma arma aparecendo no muro baixo à nossa frente. Guardas começam a disparar do parque. Flechas de aço acertam o chão ao nosso redor.

— Por ali! — grito. Vamos para a esquerda, na direção do centro e do Plaza Hotel, que parece uma fortaleza, com sua fonte imunda bem na frente e uma estátua dourada de cavalo trotando de maneira irrelevante e perpétua. Uma olhada me diz que aquele cenário não é melhor — os mastros do hotel ostentam bandeiras de escolas particulares e bandidos armados vagabundeiam nos degraus.

Mudamos de direção novamente e nos vemos diante de um cubo de vidro que se projeta do chão, arquitetura no maior estilo ficção científica. Há um logotipo bem conhecido gravado sobre o portal transparente: uma maçã gigante mordida.

Lembro das pessoas em filas durante dias, dormindo nas ruas, esperando pelo novo iPhone. Campistas urbanos. Burgueses esperando por uma das poucas coisas que ainda não tinham.

— Eca! — diz Kath. Ela está realmente considerando encarar a turma da Uptown em vez de entrar em uma Apple Store.

— Pelo menos é uma loja conceitual — eu digo.

Ponho um calço na porta para abri-la — o sistema automático não funciona há muito tempo — e ajudo os outros a puxar Crânio. Assim que conseguimos levá-lo até as escadas de vidro em espiral, o pessoal da Uptown vem atrás de nós. São os gêmeos que salvam o dia. Eles sobem

a escada com fúria agitando suas armas improvisadas. Um dos atacantes cai e depois outro, até que a entrada está atulhada de corpos arrebentados. O resto recua. Os gêmeos descem rápido as escadas, sorrindo com o rosto manchado de sangue.

Nós nos amontoamos atrás do portão sólido de metal, uma peça útil que nunca seria vista durante o horário de funcionamento. Tem a extensão da entrada e nos isola do mundo lá em cima. Por enquanto, estamos a salvo.

Fecho os cadeados. Não tenho a menor ideia de onde estão as chaves, então não tem como sair, mas esse parece o menor dos nossos problemas.

— Que lugar é este? — Abel pergunta, e é assim que eu descubro que ele deve estar realmente traumatizado. Não é tão novo a ponto de não ter conhecido iPhones ou MacBooks, mas passou por tanta coisa que deve ter esquecido.

— Você não reconhece o símbolo?

— Sim, mas não vi nenhuma fruta aqui.

Os olhos claros dele parecem vazios, e o rosto está salpicado de sangue seco. Lá no laboratório de Plum Island, o Velho tinha uma turma inteira de pré-adolescentes sob seu controle, alimentados com anfetaminas, tranquilizantes e videogames.

Espero que essas crianças não sejam o futuro.

Os garotos da Uptown chegaram e estão batendo contra o portão de metal como se tivessem saído de *The Walking Dead*. Eles perfuram a cobertura com balas, e eu afasto todo mundo antes que alguém se machuque. Ao meu lado, a pequena Anne está gargalhando, como se tudo fosse uma brincadeira.

Jatos finos de luz perfuram a escuridão. A imagem me faz pensar em dez ou vinte filmes cujo nome não consigo lembrar. Então penso como é estranho a vida evocar uma cena de um filme, e digo a mim mesmo que este momento (talvez um dos meus últimos) pertence a mim, e não me faz lembrar de nada.

A situação fica mais calma enquanto os caras da Uptown tentam

descobrir uma maneira de abrir o portão e percebem que não vai ser fácil. Podemos vê-los nos observando através dos buracos de balas.

— Vocês vão morrer! — eles gritam. — Nunca deviam ter vindo pra Uptown!

E então eles começam a uivar.

Poderíamos retrucar se tivéssemos alguma coisa útil para dizer. Mas desistimos das palavras. Em vez disso, assumimos o papel da presa, mantendo-nos na toca como coelhos.

Não consigo evitar pensar que vai piorar.